

## O DISCURSO ORAL NO TEXTO POÉTICO: A ORALIDADE EM POEMAS DE MANUEL BANDEIRA<sup>1</sup>

Gil Negreiros<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata da oralidade no texto poético. Nosso objetivo é demonstrar como o discurso oral contribui para a expressividade do texto poético. No decorrer da pesquisa, adotamos a metodologia indutiva de caráter qualitativo. Teoricamente, apoiamos-nos em aspectos teóricos da Análise do Discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso oral; texto poético; Manuel Bandeira; Análise do Discurso.

**ABSTRACT:** This paper deals with the oral poetic text. Our goal is to demonstrate how oral discourse contributes to the expressiveness of the poetic text. During the research, we adopt the inductive method of qualitative character. Theoretically, we rely on theoretical aspects of Discourse Analysis.

**KEYWORDS:** Speech oral, poetic text; Manuel Bandeira; Discourse Analysis.

### Considerações iniciais

Pretendemos, neste trabalho, examinar os procedimentos linguístico-discursivos que produzem efeitos de sentido de oralidade no texto escrito. Mais precisamente, buscamos analisar a finalidade desses recursos e os sentidos construídos por meio deles.

Apoiamos-nos, na definição de nossa base teórica, em Fairclough (2001), Ducrot (1997), em Maingueneau (2000), em Barros (2006) e em Brait (2003).

Nossos *corpora* de análise são compostos por três textos de Manuel Bandeira, intitulados “Pneumotórax”, “Cunhatã” e “Embolada do Brigadeiro”. Os dois primeiros publicados em *Libertinagem*, enquanto o último em *Mafuá do Malungo*, livros de poemas da segunda e terceira fases da obra bandeiriana, respectivamente.

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, cujo tema foi “oralidade na poesia de Manuel Bandeira”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), nível doutorado, que contou com a orientação do Prof. Dr. Dino Preti e com o apoio Financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> Gil Negreiros é pós-doutor em Letras Vernáculas (FFLCH – USP) e doutor em Língua Portuguesa (PUC-SP). É autor do livro *Marcas de oralidade na poesia de Manuel Bandeira* (Editora Paulistana). É docente do Mestrado em Letras – UNINCOR – Três Corações.

Nossa hipótese inicial é que, em alguns textos poéticos de Bandeira, há o emprego de certos recursos comuns à realidade oral. Esses recursos garantem a expressividade oral dos poemas em questão. Assim, a oralidade se dá, em alguns casos, como elemento fundamental da construção poética.

É importante salientar que não consideramos os poemas aqui selecionados como textos orais. Ao contrário, são textos escritos que trazem, em sua construção, recursos linguístico-discursivos próprios da oralidade.

### **Algumas considerações sobre “discurso” e “discurso oral”**

Antes de analisarmos os poemas selecionados em nossos *corpora*, torna-se necessário apresentar nossa concepção de “discurso” e, conseqüentemente, nossa definição de “discurso oral”. Assim, não iremos aqui nos ater na descrição de outras acepções desse termo, mas só aquela que nos serviu como suporte de análise.

A concepção por nós seguida é a mesma de Fairclough (2001), que define discurso como o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou apenas reflexo de variáveis situacionais. Tal concepção, segundo o autor, implica algumas observações:

Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Trata-se de uma visão do uso da linguagem que se tornou familiar, embora frequentemente em termos individualistas, pela Filosofia linguística e pela Pragmática linguística [...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91).

Essa definição, por se adequar aos princípios do enfoque pragmático, é adotada especialmente por considerar o “discurso” um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros. Por seu turno, tal concepção vem ao encontro daquilo que se pretende destacar em nossa análise do discurso oral, que é, por si só, uma ação sobre o outro.

Assim, depois de se definir o conceito de “discurso” que é seguido neste trabalho, cabe definir, aqui, *discurso oral*, entendido como modo de ação linguístico, que ocorre por meio da

oralidade, na presença espaço-temporal ou apenas temporal (no caso das conversas de telefone), constante de um interlocutor, que será considerado como coenunciador do discurso, em uma atividade interativa. A coenunciação ocorre justamente pelo fato de serem os dois parceiros (falante e ouvinte, para ser mais preciso) sujeitos ativos na ação de agir sobre o outro e sobre o mundo. Tal conceito é adequado e se encontra em consonância com o enfoque pragmático, bem como com as teorias discursivas.

O discurso oral é produzido na/pela relação interativa entre os interlocutores. E o comportamento desses interlocutores frente ao discurso é função da autoridade dos enunciadores, do *status* que lhes são reconhecidos e da legitimidade que a eles é atribuída.

Maingueneau é muito claro quando se refere a essa característica, comum na prática discursiva, mais especificamente no discurso oral, ambiente original do comportamento interativo:

As correntes pragmáticas insistem no fato de que o comportamento dos sujeitos com relação a um discurso é função da *autoridade* de seu enunciador, da legitimidade atribuída ao status que lhe é reconhecido. O que chamamos de “raciocínio de autoridade”, [sic] é precisamente um raciocínio em que a validade de uma proposição decorre da autoridade de seu enunciador (MAINGUENEAU, 2000, p. 17-18).

Ducrot, a respeito da definição de autoridade, refere-se ao *status* dos interlocutores:

Parte-se do fato “X disse que P” e, com base na ideia de que X (“que não é nenhum tolo”) tem boas probabilidades de não ter-se enganado ao dizer o que disse, conclui-se da verdade ou verossimilhança de P. A fala de X, fato entre outros fatos, é assim tomada como índice da verdade de P. (DUCROT, 1997, p. 157).

Dessa forma, o *status* dos interlocutores está ligado à produção de efeitos de sentido produzidos no texto oral.

### **Os efeitos de sentido orais**

Com relação a efeitos de sentido produzidos na oralidade, Barros (2006), em trabalho intitulado “Efeitos de oralidade no texto escrito”, salienta que são várias as estratégias usadas para construir, no texto escrito, efeitos de oralidade. A autora organiza essas estratégias em três grupos, a saber:

1. Estratégias baseadas nas pessoas.
2. Estratégias baseadas no tempo.
3. Estratégias baseadas no espaço do discurso. (cf. BARROS, 2006, p. 63)

A partir desses três grupos, a pesquisadora define alguns efeitos de oralidade, que apresentamos de forma resumida:

- a) Proximidade espacial, temporal e dos sujeitos.
- b) Descontração, informalidade.
- c) Falta de acabamento, de completude.
- d) Transitoriedade.
- e) Simetria e reciprocidade. (cf. BARROS, 2006, p. 63).

Assim, tais efeitos de sentido, comuns em um texto oral “ideal”<sup>3</sup>, podem ocorrer em textos escritos. Sobre isso Barros, ao analisar propagandas de bancos, conclui:

Trata-se de um procedimento muito usado nos anúncios de banco, mas também, com certeza, **nos demais tipos de texto**, pois as questões de linguagem, de normatividade no uso da língua e das diferenças entre suas modalidades faladas e escritas têm papel fundamental na construção das relações na sociedade, das interações sociais e das identidades dos seus usuários. (BARROS, 2006, p. 84).<sup>4</sup>

Passemos, agora, à análise desses efeitos de sentido, naturais da oralidade, presentes em textos poéticos escritos.

### **A oralidade no discurso poético bandeiriano: alguns exemplos**

No que tange ao *corpus* analisado em nossa pesquisa, podemos falar, em alguns casos, de certa “ilusão do discurso oral”, adaptação de frase cunhada por Preti (2004), que tenta descrever os efeitos de certas situações sociointeracionais simuladas em textos literários. Em

---

<sup>3</sup> Aqui, consideramos como texto oral “ideal” alguns tipos de textos que possuem características puramente orais, como a conversação espontânea.

<sup>4</sup> Negrito nosso.

“Pneumotórax”, conhecido poema de Bandeira, a ilusão da oralidade ocorre por meio da sugestão do discurso oral, produzido a dois.

Há, também, no trecho do poema em destaque, marcas do diálogo oral, que traz na sua essência a existência de dois interlocutores, presentes em um mesmo espaço físico e temporal:

### PNEUMOTÓRAX

[...]

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino. (BANDEIRA, 1998, p. 128)

Chama atenção no poema, além da simulação do diálogo, as marcas de autoridade do discurso, que representam os papéis sociais dos interlocutores. Trata-se de uma consulta médica, em que o discurso médico é marcado pela legitimidade. O uso dos verbos “diga” e “respire” no imperativo afirmativo, bem como a frieza em responder do que o paciente realmente sofre são indícios dessa autoridade. Além disso, a fala do paciente também é marcada pela obediência ao médico e pela confiança do paciente com relação à consulta. Percebe-se, assim, a fala dominante do médico frente à fala dominada do paciente, o que é comum nos discursos produzidos nessas situações interativas de exames médicos.

Além disso, há que se destacar a proximidade espacial e temporal entre o sujeito-médico e o sujeito-paciente que, além do “sentido de autoridade” já exposto, é também índice inequívoco dessa produção do discurso oral.

### CUNHATÃ

[...]

Tinha uma cicatriz no meio da testa:

— Que foi isso, Siquê?

Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:

— Minha mãe (a madrasta) estava costurando

Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa (BANDEIRA, 1998, p. 139).

No excerto de “Cunhatã”, o diálogo entre o enunciador e a menina *Siquê* também representa o diálogo oral, principalmente na representação da explicação fornecida pela menina, com as repetições e o uso dos conectivos orais (como o *aí*).

Aqui, diferentemente do discurso oral presente em “Pneumotórax”, em que o ambiente situacional é um importante índice para a percepção do efeito de autoridade, a pergunta é feita apenas para que *Siquê* relate o motivo da cicatriz. Nota-se que o ambiente, apesar de não ser descrito, pode ser caracterizado como informal, dada a espontaneidade da conversa. A falta de completude em certas passagens do diálogo, como em

— Minha mãe (a madrastra) estava costurando  
Disse vai ver se tem fogo  
Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

também produzem efeitos de sentido da oralidade, com valorações positivas de novidade, de vivacidade e de atualidade discursivas.

#### **EMBOLADA DO BRIGADEIRO**

— Não voto no militar; voto no homem escandaloso.  
— Ué, compadre, quem é o homem escandaloso?  
— O Brigadeiro.  
— Escandaloso?  
— Escandaloso.  
— Escandaloso por quê?  
— Ora, ouça lá meu ocorrido: [...] (BANDEIRA, 1998, p. 302-303).

Conforme salienta Brait (2003, p. 222), no caso de um texto conversacional, construído a duas vozes, deve-se levar em conta que há um processo de interação ativo, base para a formulação do discurso oral. Esse processo deve ser examinado tendo em vista vários fatores, entre eles as estratégias empregadas para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma adequada.

Também é necessário, segundo a autora, definir o quadro participativo, ou seja, o número de participantes envolvidos e o papel que cada um desempenha nessa situação particular de produção do discurso.

Em “Embolada do Brigadeiro”, o quadro participativo é marcado pela presença de dois compadres, denunciada pelo segundo interlocutor, que diz:

— Ué, compadre, quem é o homem escandaloso?

Assim, deve-se levar em conta que, supostamente, o ambiente não é formal, pela definição do tratamento entre ambos.

Por seu turno, a estratégia argumentativa empregada pelo primeiro locutor é comum no discurso oral, tendo em vista os conhecimentos implícitos no discurso, não percebidos a princípio pelo segundo locutor. Essa estratégia consiste em não dizer o nome exato dos candidatos, mas sim em atribuir a um dos candidatos características que, de antemão, já justificam a não rejeição do eleitor:

— Não voto no militar; voto no homem escandaloso.

Mais uma vez, o efeito de sentido oral da falta de acabamento e de completude reaparece em nosso *corpus*. Além disso, há que se destacar o efeito simétrico e transitório presente na construção do diálogo poético. O discurso oral, assim, é imitado no poema, em situações parecidas e com as mesmas estratégias da interação oral.

### **Considerações finais**

Há que se destacar, primeiramente, que os poemas usados neste trabalho nunca foram examinados como exemplos de textos orais. A influência da oralidade no texto escrito foi sempre o centro norteador da análise aqui realizada.

Examinamos os procedimentos linguístico-discursivos, comuns em ações orais, que produzem efeitos de sentido próprios no texto escrito (no caso em questão, em textos escritos poéticos). Alguns efeitos foram, neste trabalho, destacados, como o uso de expressões próprias da fala e a criação constante de diálogos em primeira pessoa, por meio dos quais as vozes dos sujeitos criados poeticamente ganharam materialidade.

Em nossos exames, foi possível perceber que os recursos orais nos poemas de Bandeira aqui analisados criam efeitos discursivos de proximidade, de descontração, de falta de acabamento e de reciprocidade.

Podemos, assim, afirmar que há, desta maneira, uma ligação do fenômeno da oralidade com a obra de Manuel Bandeira, que faz uso de recursos da oralidade como forma de independência frente aos cânones literários até então vigentes. Contudo, Bandeira emprega a oralidade de forma equilibrada, aproximando-se, de forma natural e espontânea, do uso linguístico da fala cotidiana.

Sobre isso, é oportuno lembrar que consideramos, neste trabalho, os usos como fundadores da língua, e não o contrário. Tal proposição vem ao encontro da presença da oralidade na obra de Manuel Bandeira, já que é a partir dos usos linguísticos percebidos no cotidiano que o poeta constrói parte de seus poemas.

Quando analisamos o nível discursivo, adotamos, dentre os diversos conceitos possíveis do termo *discurso*, aquele que se refere à prática social. Nunca entendemos, aqui, esse termo como atividade individual ou como reflexo de variáveis situacionais. A prática social, assim, está intimamente ligada a qualquer situação particular de utilização da linguagem, que é movida por enunciações individuais. No caso dos poemas em exame, o emprego da oralidade é um dos recursos que marcam substancialmente a individualidade das enunciações.

Esse emprego, por sua vez, garante uma maior proximidade com o leitor contemporâneo, que é, ao mesmo tempo, além de leitor, usuário da modalidade linguística empregada, em diversos momentos, pelo poeta. Desse modo, as marcas da oralidade empregadas nos poemas visam também à manutenção da interação entre o enunciador e seu possível interlocutor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas Publicações, 2006, p.57-84. (Projetos Paralelos, v. 8).

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 2003, p.215-244 (Projetos Paralelos, v. 1).

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução de Márcio Barbosa e Maria Emília Torres Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

**Artigo recebido em agosto de 2012.**

**Artigo aceito em outubro de 2012.**